

Efeitos delirantes em dois relatos de desaparecimento de crianças

Claudia Figaro-Garcia

Psicanalista,
psicóloga da FMUSP,
doutora em Psicologia
Clínica pelo IPUSP.

Resumo: A partir do referencial lacaniano a autora discute os efeitos psíquicos provocados em mães que tiveram seus filhos desaparecidos e que foram entrevistadas no projeto multidisciplinar denominado Caminho de Volta. Esse projeto visa, do ponto de vista psicanalítico, compreender as prováveis razões dos desaparecimentos de menores de 18 anos a partir da história familiar, da história do desaparecido e das circunstâncias do desaparecimento a partir do discurso das famílias e do discurso dos desaparecidos posteriormente encontrados.

Palavras-chave: Psicose; Forclusão; Desaparecimento de crianças

Desde 2004, supervisiono uma equipe de psicólogos que entrevista, em uma delegacia especializada¹ de São Paulo, famílias de crianças e adolescentes desaparecidos e os desaparecidos posteriormente encontrados. Tal prática clínica² foi desenvolvida para o projeto *Caminho de Volta*³: *busca de crianças e adolescentes desaparecidos no Estado de São Paulo* (GATTÁS; FIGARO-GARCIA, 2007) e engloba uma entrevista inicial⁴ e três de retorno, marcadas com intervalo entre uma semana a vinte dias. Se o desaparecido for encontrado ou voltar de forma espontânea para casa, ele também é entrevistado pelo mesmo psicólogo.

1 2ª Delegacia de Pessoas Desaparecidas do Depto. de Homicídios e de Proteção à Pessoa (DHPP).

2 A descrição do planejamento, execução e efeitos dessa prática clínica são objetivos da tese de doutorado da autora, que está em andamento na pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, sob a orientação da Profa.Dra. Eliana Herzberg.

3 Esse projeto vem sendo desenvolvido por uma equipe multidisciplinar do Depto. de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP por meio de convênio com a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo - SSP/SP.

4 Momento onde também é aplicado um questionário preenchido pelo psicólogo com perguntas sobre a família, sobre o desaparecido e as circunstâncias do desaparecimento.

A utilização de um questionário se deve ao fato de que o Caminho de Volta foi estruturado por uma equipe multidisciplinar e envolve um Banco de Dados.

5 As estatísticas da Polícia Civil de São Paulo mostram que na faixa etária entre 14 e 18 anos, o número de Boletins de Ocorrência de desaparecimento de meninas é o dobro dos meninos.

Quando esse projeto ainda estava em fase de planejamento, uma das primeiras questões discutidas pelo grupo de coordenadores era quanto aos possíveis efeitos psíquicos que esse fenômeno poderia provocar nos familiares, pois, além de desconhecerem as causas do desaparecimento, não sabiam o paradeiro do filho e nem quando ou se algum dia voltaria para casa. Tanto eu quanto a equipe de coordenação do Caminho de Volta discutíamos, ainda sem a experiência dos atendimentos, sobre o quão traumático deveria ser uma experiência dessas a ponto de desencadear sintomas neuróticos graves e por que não psicóticos nos familiares. Assim, parecia que o significante *criança desaparecida* remetia o grupo a outros significantes como *desconhecido*, *desespero*, *trauma*, *vazio*.

Com o início das entrevistas, todavia, algumas questões foram sendo esclarecidas. Observou-se que os desaparecimentos, na maioria das vezes, são fugas de casa, sendo as mesmas repetidas e grande parte em decorrência, principalmente, de violência doméstica, incluindo as categorias de maus tratos físicos, incesto, negligência, violência entre os pais (GATTÁS; FIGARO-GARCIA, 2007). Outros aspectos que acabam facilitando a evasão dos filhos⁵ são conflitos presentes nas relações familiares em decorrência da fragilidade da função paterna ou da rigidez excessiva do autoritarismo parental. Os discursos dos familiares entrevistados apresentam as causas concretas a partir do que acreditam ser a verdade, ou seja, que os filhos fugiram porque namoros foram proibidos, porque baladas não foram permitidas, ordens não foram obedecidas, acordos não foram cumpridos etc.. Em outros casos, os pais acreditam que sabem onde o filho se encontra, sabem que ficam alguns dias na rua ou na casa de alguém e que depois retornam para casa. Mas alguns não conseguem verbalizar nada uma vez que simplesmente não sabem o que aconteceu com o filho, apenas que ele desapareceu. Esse não saber, ou não querer saber, pode indicar tanto a negação de problemas conhecidos ou indicar a falta de uma resposta frente ao real do desaparecimento.

O que se tem observado é que os relatos vão mostrando o lugar que o desaparecido ocupa no psiquismo de seus pais ou responsáveis, qual é a história familiar, que significantes foram mais verbalizados ou observados durante as entrevistas, quais os que pareceram ter marcas importantes na constituição subjetiva do desaparecido e dos entrevistados, quais são as fantasias relatadas com relação ao desaparecimento e por que ele aconteceu, qual é a qualidade das relações conjugais dos pais, como se dão as escolhas das parcerias etc. Discursos muito comuns nessas configurações familiares relatam o uso de drogas e álcool, a prática de atos infracionais dos desaparecidos e de repetidas histórias onde os filhos são frutos de uma produção em série (quase que sem escalas), oriunda de diferentes parceiros, alguns de encontros únicos, onde a identidade paterna é desconhecida até para a mãe. O que deveria chamar atenção pela intensidade da violência, do desamparo e da negligência acaba por caracterizar histórias que se repetem nas entrevistas onde os desaparecidos são sobreviventes da loucura familiar. E a fuga/desaparecimento aparece como uma saída dessa loucura generalizada.

Assim, a escuta desses relatos e a qualidade das transferências estabelecidas nas entrevistas pode fornecer pistas sobre se de fato esses pais querem que seu filho volte, ou não, para casa, pois, apesar de buscarem ajuda na polícia, nem sempre o que aparece no enunciado dos entrevistados é uma demanda pelo retorno do filho desaparecido.

Aparecem outras demandas como, por exemplo, o que fazer se ele voltar para casa: interná-lo numa clínica, num abrigo, ou mandá-lo para casa de parentes em outra cidade? Ou ainda outras demandas que excluem o desaparecido, isto é, quando as entrevistas servem para que problemas conjugais ou problemas com outros filhos, que não desapareceram, sejam falados.

Há relatos, todavia, que se diferenciam dos demais, pois parecem indicar a presença de aspectos muito semelhantes a uma psicose, mas dentro

de uma estrutura neurótica. Como fazer um diagnóstico diferencial, supervisionando tantos casos em um espaço curto de tempo? Trata-se de psicose, neurose ou perversão?

Encontrei em Miller (1996) um texto que me pareceu muito útil para tentar responder a essa questão, onde ele trabalha com a chamada *clínica universal do delírio*. O autor enfatiza que todos os discursos (do mestre, do universitário, do analista e da histórica) são defesas contra o insuportável, que toma o sujeito quando esse se depara com o real. São os discursos que nos permitem fazer laço social, pois como colocou Lacan no Seminário 20 (1972-1973/1985, p.28) a: "noção de discurso dever ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem" sendo que o "O significante como tal não se refere a nada, a não ser que se refira a um discurso, quer dizer a um modo de funcionamento, a uma utilização da linguagem como liame." (LACAN, 1972-1973/1985, p.43)

Somente o sujeito esquizofrênico seria uma exceção, uma vez que ele está justamente fora do discurso não sendo apreendido por nenhum deles. Quando somos atravessados pela linguagem, não temos condições de simbolizar tudo o que nos chega por meio das percepções. Nem tudo é capaz de ser colocado em palavras quando há um encontro com o real. Portanto, há uma parte dele que é capaz de ser simbolizada (por exemplo, na experiência como analisante). Mas há uma outra parte do real que fica completamente fora de nosso acesso pela via do simbólico e é essa parte que o esquizofrênico nos apresenta, ou seja, algo que está fora do discurso. O esquizofrênico não se defende do real, pois para ele o simbólico é igual ao real. Nas palavras de Miller (1996, p.192):

Chamo aqui de esquizofrênico o sujeito que não evitaria o real. É o fala-ser [parlêtre] para quem o simbólico não serve para evitar o real, porque esse simbólico é, ele mesmo, real... Se não há discurso

que não seja de semblante, há um delírio que é do real, e trata-se do delírio do esquizofrênico. É daí que se pode construir o universal do delírio.

A tese com que Miller (1966) se propõe a trabalhar nesse texto é de que todos nós deliramos - *Todo mundo é louco* - independentemente de qual estrutura clínica nos constituímos enquanto sujeitos. O fenômeno da linguagem não afeta os animais e por isso o delírio é universal, porque os homens falam, fazem cadeias significantes, associam, comunicam-se dialeticamente. A universalidade do delírio se dá porque se um significante remete a outro significante isso leva às várias significações. Essa é a prova que deliramos, segundo Miller (1996). Mas a linguagem também serve ao gozo, ao *blá-blá-blá*, a uma fala que não busca sentido. O efeito traumático que a linguagem produz no sujeito é que ela vai deixar um resto para sempre ilegível. O recalque originário diz respeito a isso, a esse corte com o qual temos que lidar desde nossa origem, ou seja, com nossa *falta-a-ser*.

Devemos tratar a fala do paciente como uma ficção, pois se ele é um sujeito dividido, atravessado pela linguagem, a referência é sempre vazia, pois a linguagem tem a capacidade de aniquilamento, de fazer inexistir aquilo de que se fala. Se os significantes remetem a outros significantes que se articulam, então nunca chegaremos a uma referência única, pois há uma infinidade de significações possíveis para aquele significante. A referência, portanto, é vazia e o sujeito dividido torna-se uma referência negativa. Já o *objeto a*, por ser ele uma ficção (o objeto perdido, o objeto causa do desejo jamais encontrado), ele depende de uma articulação da cadeia significativa. Ele torna-se assim um objeto de semblante, onde o sujeito pode encarnar nele qualquer coisa para dar conta de sua falta-a-ser. Nesse sentido, a referência é positiva, pois o sujeito lança mão da fantasia. E como semblante, o *objeto a* fica entre o simbólico e o real. Nas palavras de Miller (1996, p.196): "O objeto a

como consistência lógica está apto para encarnar o que falta ao sujeito. É semblante de ser que a falta-a-ser convoca."

Como o presente trabalho refere-se a alguma questão suscitada pelo tema das psicoses, pensei em dois casos clínicos e se eles podem (ou não) fornecer indícios sobre a universalidade do delírio, ou se de fato há sintomas que poderíamos identificar como psicóticos.

No primeiro deles, podemos pensar no desencadeamento de um quadro delirante na mãe a partir do desaparecimento de seu filho, e no segundo, o quanto o comprometimento psíquico de outra mãe, seu delírio de ser o falo para o filho e de colocá-lo nessa posição pode ter desencadeado seu desaparecimento. Não são quadros com presença de alucinações visuais ou auditivas, mas as duas situações parecem indicar o quanto essas duas mães encontram-se psiquicamente perturbadas e necessitando de ajuda, para além das entrevistas feitas na delegacia.

Caso 1

O desaparecido é um menino de 10 anos, filho de um casal, que ao entrar na sala de entrevistas do Caminho de Volta, já mostrava diferenças importantes. Ele, bem vestido, com dois celulares, com aparência de ser mais jovem que a mulher. Essa, apesar de também estar arrumada, tinha as mãos grossas, calejadas. Não falava muito, e a psicóloga que a entrevistou achou que ela tinha algo de estranho, mas sem conseguir identificar o quê. Durante a entrevista, ficou esclarecido que ambos não eram casados. Ele disse que ela trabalhava como telefonista na mesma empresa dele e que um dia resolveram sair e ela acabou engravidando. Disse ainda que nunca foram namorados, sendo aquela uma relação isolada. Na entrevista, a mulher não escondeu a raiva que sempre sentiu do pai de seu filho, pois nunca o assumiu e só o reconheceu após um exame de paternidade. A mãe nunca casou e morava com o filho em um sobrado onde, no andar de cima, morava uma tia. Essa tia cuidava do garoto quando a mãe saía para trabalhar. Ele nunca

havia fugido de casa, não apresentava problemas na escola e não havia, pelo relato materno, sinais de conflitos a não ser a ausência do pai e a falta que sentia dele. No dia do desaparecimento, o filho estava na casa da tia e ela havia pedido para ele descer para tomar banho, pois logo a mãe chegaria do trabalho. Ao chegar a casa, a mãe encontrou a porta escancarada e a casa vazia. Começou a procurar pela vizinhança e descobriu que ele estava com uns amigos que tinham jogado uma pedra no carro de um vizinho. Esse homem conseguiu pegar um dos garotos e o menino foi com os outros, mas foi o único a desaparecer. As roupas do filho, objetos pessoais dele e da casa estavam intactos. Quando o menino desapareceu, a mãe ligou imediatamente para o pai dele por diversas vezes. Mas esse retornou a ligação dois dias depois.

Nessa primeira entrevista, o pai falou mais que a mãe e mostrava desconforto de estar lá ao lado dela. Ela por sua vez, se mantinha muito quieta e só relatou o que aconteceu no dia do desaparecimento. A psicóloga marcou um novo encontro, veio somente a mãe, que mostrava muito desespero pelo fato do filho ainda não ter sido encontrado. Disse que havia procurado um psiquiatra, estava medicada e começou a fazer psicoterapia. Conseguiu contar outra história de sua relação com o pai do seu filho e que haviam namorado cinco anos e só então engravidou. Disse que agora ele era casado e nunca ajudou no sustento do filho, nunca participou da vida dele, nunca demonstrou interesse. Quando soube que ela estava grávida, ele fugiu e voltou um tempo depois. Quando o exame de DNA deu positivo, ele voltou a fugir. A atual esposa não sabe da existência do menino e a psicóloga achou que a ida do pai até a delegacia foi por temer que ela descobrisse isso. Durante a entrevista, o pai ligou para um amigo vereador que entrou em contato com a delegacia para pressionar as investigações. O pai concordou em contratar um detetive particular, mas disse para a mãe que não via necessidade disso. Ele não apareceu nas entrevistas posteriores. Nos outros retornos, a mãe começou a abandonar o tratamento psiquiátrico

e a psicoterapia. Disse que tinha *certeza* de que o pai havia subtraído seu filho, pois além de ser muito mentiroso, era capaz de fazer isso para *enlouquecê-la*. Como ela não tinha bens considerava o filho o seu bem mais precioso. Sem ele isso poderia *deixá-la louca*. Isso seria mais uma forma de puni-la. Seu delírio ficou ainda mais fortalecido pelo fato de que o pai ligou apenas dois dias depois do desaparecimento do filho, tempo suficiente para ele ter subtraído e viajado com o menino.

Desde abril de 2008, o Caminho de Volta começou a oferecer um acompanhamento psicológico de 12 sessões para alguns casos. Esse caso foi um dos escolhidos, justamente por essa certeza que estava inserida em seu delírio de que o pai sabia onde estava o filho. A mãe começou a ser atendida uma vez por semana, veio em duas sessões e faltou em três delas. Em uma dessas faltas, ligou dizendo que tinha ido até a região Sul do Brasil para procurar o filho, pois tinha certeza de que o pai estava com ele escondido em algum lugar por lá, pois sua origem familiar era daquela região. Não o encontrou, voltou para São Paulo e continua sendo atendida.

Caso 2

Uma mulher veio sozinha na delegacia para dar queixa do desaparecimento de um garoto de 13 anos, que havia sumido pela quarta vez. Durante a entrevista, ela mostrou extrema dificuldade de dizer que o garoto era seu enteado, pois confundia essa relação com a de adoção. Não conseguia se posicionar como madrastra dele, ou seja, não conseguia verbalizar esse significante. Quanto à história familiar, disse que um dia estava em um hospital visitando uma pessoa e ouviu uma criança pequena chorando em um dos quartos. Ao entrar no quarto, disse que a criança olhou para ela e ergueu-lhe os braços. Ela a colocou no colo e imediatamente a criança parou de chorar. A mulher disse que foi *escolhida* pela criança, pois a mesma chorava quando era carregada por outras pessoas. O pai era viúvo, e sua esposa havia sido morta por uma bala

perdida. Ela tombou no meio da cozinha, na presença dos filhos pequenos e desse bebê que engatinhava. A mulher soube pelo pai do bebê que esse “engatinhou até a mãe morta e mamou no seu seio” (sic). Após conhecer o pai da criança, em poucos meses estavam morando juntos. Durante toda a primeira entrevista, a mulher se referia ao desaparecido como “meu bebê”, ou dizia “meu bebê está em perigo”. A foto do garoto, que mostrou para a psicóloga, era do aniversário de 12 anos dele, cuja decoração e bolo possuíam temas extremamente infantis, próprio para uma criança de 1 ano. No desaparecimento atual, o menino tinha fugido um dia antes do aniversário de 13 anos. Quando foi encontrado das outras vezes, foi levado a um abrigo e, segundo a mulher, “as pessoas vêem que ele é um bebê e o levam a um abrigo”. Esse garoto ainda não sabia ler e os pais nunca se preocuparam com isso. Foi oferecido a essa mulher o atendimento em doze sessões. Ela faltou e ligou para justificar a falta pelo menos cinco vezes. O menino ainda não tinha sido encontrado.

Discussão dos casos

A hipótese diagnóstica que levanto para os dois casos é que em ambos, as mães fornecem discursos onde podemos suspeitar da presença de alguns sintomas que também aparecem nas psicoses, isto é os *delírios*. Mas se tratam de estruturas psicóticas? A meu ver não.

O primeiro dos sintomas diz respeito à *certeza*, ou seja, a certeza presente no discurso da mãe do Caso 1 - *foi o pai que o levou para me enlouquecer* e da madrasta do Caso 2 - *ele me escolheu, ele é um bebê*. Lacan, no Seminário 3 (1955-1956/2002) fala sobre a crença delirante, ou seja, um fenômeno elementar da psicose, onde o sujeito psicótico não lida com realidade e sim com a certeza que constrói. Na análise de Henri Desirée Landru⁶, que no final do século XIX e início do XX assassinou várias mulheres, a psicanalista Biagi-Chai (2007) apontou vários aspectos interessantes da história desse homem, que tinha mulher e filhos com os

6 Em 1947, o ator Charles Chaplin interpretou essa história no filme "Monsieur Verdoux", cujo roteiro foi de Orson Welles.

quais estabelecia uma relação harmoniosa. Desempregado, com dificuldades financeiras e vendo a probabilidade de não conseguir sustentar a família como achava que deveria, Landru começa a se envolver com solteiras ou viúvas ricas (ou que tinham algumas economias), que não mantinham muito contato com suas famílias e que estavam à procura de um novo relacionamento. Essas não desconfiavam das falsas identidades que Landru usava quando as conhecia e nem de seu jogo manipulador para afastá-las de suas famílias ou de pessoas conhecidas. Chegou a alugar uma casa próxima à Paris com a finalidade de lá praticar seus crimes para ficar com o dinheiro dessas mulheres e assim conseguir o sustento de sua família. Biagi-Chai (2007) aponta que a família para Landru era percebida como um trabalho, um significativo privado de sua função de ideal, privado de realidade. Família definia um dever, um dever com uma significação privada, ou seja, Landru constrói uma teoria do dever, que vai se desenvolvendo num progresso paralógico, como afirma a autora, até o assassinato das mulheres. O "tudo pela família" é tomado por Landru ao pé da letra, uma vez que há ausência da lei simbólica. A autora suspeita que ele não dispunha da crença no Outro, não dispunha do Nome-do-Pai. Sua certeza é sem dialética, como Lacan propõe no Seminário 3 (1955-1956/2002) ao afirmar que para o psicótico não é a realidade que está em causa, mas a certeza. Isso seria um fenômeno elementar, ou seja, uma crença delirante. A lei pessoal de *dever*, construída por Landru, é delirante segundo a autora.

A realidade não é o que está em causa, uma vez que os fenômenos para o sujeito são de uma outra ordem. Lacan (1955-1956/2002) se apoia no exemplo da palavra *Seelenmord*, descrita por Schreber como *assassinato d'alma*, sendo essa a explicação que o eminente juiz encontrou para sua doença, desenvolvendo tal conceito com um caráter enigmático. Porém, Schreber tinha certeza do que distinguia a alma de tudo que nos é dado no mundo. Nas palavras de Lacan (1955-1956/2002, p.92): "... o delirante, na medida em que sobe na escala dos delírios, está cada vez mais

certo de coisas postas como cada vez mais irreais. Um pouco mais adiante, Lacan (1955-1956/2002, p.97) afirma que:

A neurose é uma palavra que se articula na medida em que o recalcado e o retorno do recalcado são uma só e mesma coisa. Assim pode acontecer que alguma coisa de primordial quanto ao ser do sujeito não entre na simbolização, e seja, não recalcado, mas rejeitado.

O rejeitado aqui deve ser compreendido como forcluído, termo usado por Lacan para explicar a rejeição do significante Nome-do-Pai que ocorre na constituição psíquica do sujeito psicótico e que impede a possibilidade do falo tornar-se um significante primordial. A metáfora paterna não produz efeito pois o sujeito a rejeita, a deixa fora, a forclui. Como se dá isso?

Nos três tempos do Édipo, que são as bases da constituição do sujeito, Lacan (1957-1958/1999) salienta o quanto a inserção da metáfora paterna, da Lei que barra o gozo da mãe e do filho (pois no primeiro tempo a mãe tem o falo-filho e o filho sente-se o falo da mãe), é fundamental para a estruturação da neurose. Essa entrada do pai simbólico só é possível graças ao desejo da mãe com relação a ele, de sua verbalização, de o quanto ela consegue mostrar ao filho a importância que esse pai tem na vida dela. Isso é fundamental porque nessa passagem do primeiro para o segundo tempo do Édipo, o falo agora passa a ser o pai e não mais o filho, como era a princípio. No Seminário 3, Lacan (1955-1956/2002) fala que, no advento da psicose, possivelmente nessa passagem, deve ter ocorrido uma falha, e a metáfora paterna, ou seja, o que possibilita transformar o falo em significante no terceiro tempo, foi forcluída, ou seja rejeitada. É a *Verwerfung*, que segundo Lacan (1955-1956/2002, p.174):

Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho a base da paranoia. Trata-se de um processo primitivo de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significante.

Na história de Schreber, quando ele é convocado para ocupar o patamar mais elevado e privilegiado de sua carreira de juiz, ele não consegue responder a isso, pois, segundo Lacan (1955-1956/2002), ele não tem o falo como significante primordial, uma vez que forcluiu o Nome-do-Pai. Quando imagina como deveria ser belo ser copulado como se fosse uma mulher, ele entra em contato com o real e não consegue dar uma outra resposta. Ele não consegue encontrar outra saída a não ser transformando-se em mulher de Deus e ser copulada por ele, pois assim sua missão de gerar uma raça superior será bem sucedida. Esse é o desencadeamento dos seus sintomas psicóticos, ou seja, no momento em que sua virilidade é convocada a se colocar, o que ele encontra é um furo, uma não resposta. Abre-se uma fenda no simbólico, pois a significação fálica está ausente. E se há falta desse significante primordial, outros também hão de faltar.

A mãe do Caso 1 precisou dar conta do furo provocado pelo real do desaparecimento de seu filho. Ele desapareceu deixando a porta escancarada, sem deixar pistas, impedindo que ela fizesse conexões psíquicas para dar conta desse vazio. Eis o trauma para Freud, ou seja, as conexões entre afeto e representação ficam impossibilitadas e o sujeito não consegue simbolizar, colocar em palavras o que aconteceu, não consegue achar uma resposta. Nesse momento, o pai, que sempre ausente na história familiar, torna-se, assim, o perseguidor em potencial, pois segundo a mãe “ele quer enlouquecê-la e levou seu único bem, o filho”(sic). Eis o delírio

paranóico. Eis a resposta para dar conta do real. Lacan (1955-1956/2002, p.98) diz: "Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de alguma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real."

Essa *Verwerfung* primitiva seria a forclusão generalizada. O que faz diferir a forclusão generalizada da forclusão do Nome-do-Pai é a certeza que o sujeito tem daquilo que ele compreende ser realidade. A forclusão do Nome-do Pai pode produzir efeitos na linguagem do sujeito (frases interrompidas, significantes vazios, ausência de dialética, no automatismo mental) por meio das alucinações e na sua relação com o Outro, que segundo Miller (1996, p.196), para o esquizofrênico "não existe o Outro além da língua" e na paranoia ele é absoluto, onde o sujeito se posiciona como objeto de seu gozo. O delírio do psicótico, principalmente na paranoia, mostra-se como uma defesa contra o real, onde gozo e Outro não são separados. No primeiro caso, o Outro gozador, o pai do menino, goza com o sofrimento dela e faz isso para puni-la. Como disse Miller (1996, p.196): "A fantasia paranóica implica a identificação do gozo no lugar do Outro."

No segundo caso, a madrasta afirma que o "bebê a escolheu". Em seu relato é possível observar uma série de acontecimentos impactantes e graves que marcaram o início da vida desse garoto, pois além de ter presenciado sua mãe biológica ser assassinada, teve uma segunda "mãe" extremamente fálica, que acreditou ter sido *escolhida* por uma criança pequena, que apenas lhe levantou os braços. Esse é um de seus "delírios". Mas, paradoxalmente, apesar de seu falicismo, ela não sabia se posicionar como mãe adotiva, madrasta ou mãe dele. Na confusão de seu discurso já podemos observar uma lacuna, uma fenda, pois há um lugar vazio deixado pela mãe morta, que não foi ainda ocupado por outra pessoa que se posiciona nesse lugar materno. Ela não sabe qual é o seu lugar: se é de mãe adotiva ou de madrasta.

Quando disse ter sido *escolhida* pelo *menino* ela já se colocou numa posição extremamente valorizada e a possibilidade de perder esse lugar poderia ser inimaginável. Sua fala revelou que ela não o escolheu, mas que *foi escolhida* por ter conseguido fazê-lo parar de chorar no hospital, ao contrário dos outros que não conseguiram. E uma vez imaginando-se detentora de tal poder, também teria o poder de fazer o que bem quisesse com seu filho, pois ele responderia de acordo com seu desejo. Megalomania que aparece em seu discurso também é outra característica da psicose. Essa mãe goza com esse filho, pois esse gozo não foi barrado.

Uma hipótese é que se, por ventura, na fantasia inconsciente dessa mulher, o filho saísse da posição de bebê e passasse para a condição de um garoto de 13 anos, o vínculo entre eles poderia se romper e isso talvez fosse insuportável para ela. Apesar do menino não ter sido criado somente pela madrasta, parece que seu pai não conseguiu barrar o desejo da esposa, não conseguiu colocar um limite no sentido dela se sentir tudo na vida do filho e de fazer dele tudo que importa em sua vida, ou seja, ser e ter o falo. (LACAN, 1957-1958/1999)

A madrasta do Caso 2 parecia não ter a menor possibilidade de perceber que suas atitudes poderiam ter contribuído para o atraso do filho não só na escola, mas em outras áreas de seu desenvolvimento psíquico. No discurso da mãe não apareceu qualquer indício de reconhecimento de que seu modo de relacionamento com o filho tivesse gerado dificuldades sérias, a ponto dele, aos 13 anos, não saber ler. Ou seja, o fato dele não saber ler não entra como questão para ela. Nem sequer parecia se dar conta que, por meio dos repetidos desaparecimentos, o garoto talvez estivesse sinalizando que algo não estava bem nessa relação familiar e que a fuga parecia ser uma saída saudável, que ele encontrou para não ficar eternamente atrelado na posição de um objeto que a mãe usufrui da maneira que quer, sem se importar, ou melhor, sem enxergar que o filho deixou de

ser bebê há muito tempo. A idéia do filho, enquanto sujeito, está forcluída para a mãe. Isso é importante, pois muitas mães entrevistadas conseguem fazer conexões entre a qualidade das relações familiares e as fugas.

Dessa vez o menino fugiu um dia antes de seu aniversário, talvez evitando passar pelo constrangimento de, novamente, ser celebrado de forma infantilizada. Uma hipótese possível para o desaparecimento é que talvez o garoto fuja justamente para tornar-se sujeito, para sair dessa condição de bebê e vir a ser uma pessoa, independente do que sua madrasta quer. Todavia, não foi possível fazer a entrevista com o menino, pois, apesar de ter sido encontrado, voltou a fugir logo em seguida.

Considerações finais

A clínica com famílias de crianças e adolescentes desaparecidos é extremamente complexa, uma vez que, além do desaparecimento, há uma infinidade de movimentos da dinâmica familiar, que são negadas pelos familiares como os possíveis facilitadores das fugas. E em algumas histórias, encontramos discursos que refletem problemas mais graves na constituição psíquica dos desaparecidos ou dos familiares.

Os dois casos, apresentados nesse trabalho, foram uma tentativa de elucidar o quanto aspectos característicos das psicoses podem aparecer em casos de neurose. Como não foi possível entrevistar o garoto do segundo caso apresentado, não sabemos como ele se apresentaria, como colocaria em palavras os motivos que o levaram a fugir, sua relação com a mãe, como seria a qualidade da transferência durante a entrevista. Não tivemos condições de observar se a relação que a madrasta estabeleceu com ele provocou alterações mais graves em seu psiquismo, se sua fala apresentava características próprias do discurso de um psicótico. A madrasta parece ter "forcluído" o filho enquanto sujeito, pois continua tratando-o como bebê a ponto de fazer um aniversário de 12 anos com tema absolutamente infantil.

Talvez faça isso para não se haver com o traumático necessário e fundamental da separação (inevitável) entre eles. Vemos, em seu discurso, a confusão e a dificuldade que ela tem em apontar que posição ela ocupa.

Pareceu-me que a estrutura psíquica dessa mulher é mais grave do que a da mãe do primeiro caso, pois nesse a construção do delírio materno parece que é o que dá sustentação à saúde psíquica da mãe, ou seja, ela encontrou no delírio uma resposta para dar conta do buraco no real provocado pelo desaparecimento de seu filho. Todavia, o resto de sua fala não apresenta outros indícios de que uma psicose tenha sido desencadeada. O delírio montado por essa mãe parece ser circunstancial, apesar de sua certeza de que o pai do garoto foi o responsável pelo seu desaparecimento. Todavia, em seu discurso, não apareceu nenhuma frase interrompida como ocorreu com a escrita de Schreber ou o surgimento de significantes vazios como Biagi-Chai (2007) apontou no caso Landru, como os significantes *família, engenheiro, comerciante de móveis, as mulheres (três categorias-mais uma) e o pai*. Significantes onde Landru se ancorava, ou melhor, servia-se deles como bengalas imaginárias, onde não havia laço social, não havia dialética (nem entre ele e sua amante Fernande Segret), a não ser aproveitando-se deles pela via das trapagens e dos atos assassinos.

As poucas entrevistas não permitiram fazer um diagnóstico mais preciso, mas foram suficientes para perceber que nessas duas histórias familiares ronda a borda da psicose. No entanto, é preciso mais escuta.

Agradecimentos: Ao Laboratório de Investigação Médica - LIM-40 do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo pelo suporte no desenvolvimento do Projeto Caminho de Volta.

Delirious effects in two cases of children disappearance

Abstract: *Based on lacanian references, the authoress discusses the psychic effects provoked on mothers who have had their children*

disappeared and were interviewed in a multidisciplinary project called "Caminho de Volta". Based on the psychoanalytical point of view, this project aims to comprehend the probable reasons of the disappearance of people under 18 years old, through the family history, the history of the person who disappeared and the circumstances of the disappearance. This is done through the family discourse and through the discourse of the disappeared people who were found.

Keywords: *Psychosis; Foreclosure; Children disappearance*

Referências

- BIAGI-CHAI, F. (2007). *Les cas Landru: à la lumière de la psychanalyse*. Paris: Imago.
- GATTÁS, G.J.F & FIGARO-GARCIA, C. (2007). *Caminho de Volta: tecnologia na busca de crianças e adolescentes desaparecidos no Estado de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Especial de Direitos Humanos: CONANDA - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- LACAN, J. (1955-1956). *O seminário, livro 3: as psicoses*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 367 p.
- _____ (1957-1958). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, 532 p.
- _____ (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, 201 p.
- MILLER, J.A. (1996). Clínica irônica. In: Miller. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Zahar.

Claudia Figaro-Garcia

Rua Harmonia, 1014
Vila Madalena - São Paulo/SP
(11) 3816 1183
figarcia@usp.br